

O Ensino Híbrido como modelo de Ensino-aprendizagem e Comunicação dentro do Espaço Geográfico Virtual

*Anna Beatriz de Oliveira Martinho
Helena Cezar Aires*

05

Este relato busca revelar a experiência vivenciada nos Estágios Supervisionados Obrigatórios nos últimos períodos da nossa graduação, que foram realizados em 4 semestres. No primeiro momento, Estágio I, foi possível ter uma experiência presencial, acompanhando o dia a dia dos alunos através de observações e anotações feitas. O Estágio I ocorreu em uma escola estadual situada na região central de Natal, no estado do Rio Grande do Norte. A maior parte de nossa rotina consistiu em observações da estrutura escolar, analisando a infraestrutura das salas, presença de ventiladores, quadro branco, mesas e cadeiras; ainda quanto à estrutura, também foram feitas observações de momentos de educação física na quadra poliesportiva.

Nosso principal objeto de estudo e observação, além do cotidiano dos alunos do Ensino Fundamental e suas interações dentro de sala e nos outros espaços nas dependências da escola, foi a presença e influência da biblioteca no dia a dia dos alunos. Foi possível perceber que os alunos utilizam aquele espaço para estudo das disciplinas, para o empréstimo de livros — principalmente os de literatura e ficção —, assim como para pequenas reuniões entre os próprios alunos; eles tinham a biblioteca como um lugar de afeto e segurança, diferentemente de qualquer outro lugar da escola.

Na sequência, no Estágio II, a dinâmica mudou completamente. No início de 2020, houve a necessidade de intensa adaptação de rotina, hábitos e modo de viver. Entre essas consequências, após a crise sanitária da Covid-19, a educação foi uma das mais afetadas e o nosso Estágio Obrigatório passou a ser remoto, o que,

de certa forma, nos proporcionou uma nova experiência em ambiente virtual, nos dando a oportunidade de trabalhar com as ferramentas disponíveis pela tecnologia e internet e incluir isso no processo educacional como estratégia de ensino. De acordo com Pierre Lévy (1999, p. 20), essas “tecnologias intelectuais favorecem novas formas de acesso à informação e novos estilos de raciocínio e de conhecimento”. Dessa forma, esse momento foi realizado através do acompanhamento *online* de uma turma de Ensino Médio Técnico no Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), localizado também na região central de Natal.

O processo de adaptação é bem difícil até que você consiga se familiarizar com a “ausência” dos alunos, a ausência do contato presencial e com os recursos digitais. Mas não podemos esquecer da outra percepção que construímos sobre o Ensino à Distância e as habilidades que criamos, já que o Ensino à Distância requer uma postura diferenciada e mais flexível do que temos dentro da sala de aula tradicional.

De primeira, o estranhamento é inevitável, pois vem em mente as limitações que poderíamos encontrar e de fato encontramos, como a evasão dos alunos que não tinham acesso à internet e condições para acompanhar as aulas síncronas, mas, precisávamos nos adaptar e entender essa nova realidade e a demanda que teríamos de enfrentar. Nesse período de Estágio, tivemos o auxílio dos supervisores, com conversas e reuniões prévias à prática em espaço virtual para que nossas dúvidas fossem esclarecidas e já estivéssemos a par do planejamento e de como a escola estava organizada.

Com a pandemia, obviamente a rotina da escola foi alterada com a preocupação de que os alunos conseguissem acompanhar essa nova ferramenta de ensino, as práticas foram repensadas e o calendário mudou, o que dificultou nossa situação e não conseguimos lecionar as aulas, utilizando da carga horária do Estágio para planejar as aulas e atividades que seriam repassadas para os alunos.

Os Estágios III e o IV seguiram a mesma dinâmica virtual, ambos sendo realizados em uma Escola Municipal, onde desenvolvemos principalmente blocos de questões direcionados para cada conteúdo da disciplina de Geografia, assim como participação em planões de dúvidas quinzenais e gravação de vídeo aulas para que sejam transmitidas aos alunos. Isso dificultou nosso Estágio, pois não tivemos a oportunidade de reger nenhuma aula, devido às alterações constantes feitas no calendário e que impactou na nossa prática docente. Isso nos leva a pensar no que essas consequências acarretam na nossa formação como docente, pois quanto menos vivência, menos arcabouço prático para enfrentar as demandas cobradas.

Ainda diante desse cenário, buscou-se compreender o comportamento dos alunos durante as aulas e a articulação do professor, procurando observar a realidade em que estão inseridos e a desenvoltura diante de um novo método de ensino que, para alguns, se torna fácil pela acessibilidade e conhecimento nas novas tecnologias e, para outros, é um caminho difícil a se trilhar. A aceleração é tão forte e tão generalizada que até mesmo os mais “ligados” se encontram, em graus diversos, ultrapassados pela mudança (LÉVY, 1999).

Pode-se perceber tais questões no momento em que foi proposto um espaço de diálogo entre as estagiárias e o docente, em que ele fez questão de compartilhar conosco suas experiências, o que serviu de grande ajuda na realização das atividades de observação, participação e pesquisa. Durante os encontros síncronos, por meio de videoconferência, participamos e presenciamos as aulas, analisando o comportamento dos alunos diante do complexo contexto em que nos encontramos.

Foi elaborado um questionário para investigar os alunos e o professor a nos falar sobre as principais dificuldades encontradas durante o período de aulas remotas, como eles trabalharam para desenvolverem os pontos positivos e o que eles esperavam dessa nova modalidade. Ao nosso ver, o aumento da presença e dos usos dos espaços virtuais não convergem automaticamente ao desenvolvimento de uma inteligência coletiva, apenas propicia um espaço para que essa inteligência se consolide.

Além desse novo espaço, compreendemos uma ressignificação do papel do professor onde esse tem por “obrigação” romper com modos de ensinar tradicionais, a permitir que o aluno assuma um papel ativo, curioso e que desenvolva um pensamento autônomo e crítico. Porém, na realidade, sabe-se que essa relação se torna incompleta, desconectada, dado a questões de: dificuldade de acesso à internet, formação, conhecimento de tecnologias, bem como ausência de infraestrutura para ambos os sujeitos dessa relação.

Retornando ao questionário que foi aplicado, pode-se compreender um pouco da realidade de muitas escolas em que a maioria das

respostas entendem como positivo o ensino remoto, indicando que a experiência se daria quando se tem os meios e dispositivos apropriados, o que permitiria uma aula de qualidade. Além da facilidade de organização das atividades propostas, seguindo ritmos distintos e personalizados, e o deslocamento reduzido, ao levar em consideração os alunos que residem distantes do instituto e precisam realizar o trajeto diariamente.

Por outro lado, como ponto negativo, está a dificuldade de lidar com as tecnologias e a adaptação ao novo ambiente, à falta de igualdade entre todos os participantes no quesito acesso (dispositivo e conexão de rede), à ausência de ambiente apropriado em casa para estudar, dificuldade em manter o foco e dúvidas sobre como contatar o professor de maneira eficiente após a aula para discutir dificuldades pessoais e a respeito do conteúdo, além da falta de interação física com os colegas de turma em sala de aula.

Com relação ao ensino híbrido, houveram muitas respostas positivas ao levar em consideração a junção de aulas no ambiente físico do instituto e atividades realizadas por meio virtual, utilizando de recursos digitais, principalmente se essa modalidade de ensino se apresentar de maneira facultativa e não-obrigatória. As respostas negativas consideraram a possibilidade de precarização do ensino.

Referência

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.